

A Festa da Bênção do Gado de Riachos (As Práticas Intergeracionais e a Relação Tradição-Contemporaneidade)

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.73.8>

Luís Mota Figueira

Unidade Departamental de Ciências Sociais, Instituto Politécnico de Tomar, Tomar, Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-0103-5120>
diretormuseuagricolariachos@gmail.com

Resumo

Como muitas festividades similares, a Festa da Bênção do Gado é realizada em honra de São Silvestre, patrono dos lavradores, dos campos e protetor dos animais. Tradicionalmente, e desde 1905, realizava-se por iniciativa da Sociedade dos Cingeiros de Riachos. Neste texto debruçamo-nos sobre esta festa que integra elementos do sagrado e do profano e que a comunidade de Riachos considera ser um evento que dá sentido às suas memórias e aos seus lugares. O texto destaca a ruralidade inscrita na festa que caracteriza a vila, problematizando-a a partir do eixo tradição-modernidade. Analiso e demonstro como no caso desta festa, as práticas intergeracionais têm um papel significativo na manutenção de elementos que caracterizam o passado da festa, ao mesmo tempo que desempenham um papel importante na introdução de mudanças, que a vão reconfigurando. Em termos metodológicos tenho em conta, fundamentalmente, a experiência profissional de direção do Museu Agrícola de Riachos, assim como a especialidade em museografia e conservação do património cultural. O texto conclui afirmando que a festa da Bênção do Gado continua a ser um ritual agrário fundamental na caracterização da cultura da região. Neste momento, à semelhança de outras festividades populares, passa hoje por transformações derivadas de vários processos, entre os quais o da mercantilização da cultura. O seu futuro dependerá da forma como se pode entender a participação das várias gerações nesse processo de ligar o presente ao passado.

Palavras-Chave

comunidade, festa, ruralidade, tradição, contemporaneidade

O Problema do Desenvolvimento de Base Comunitária e os Recursos Naturais e Culturais

Na Festa da Bênção do Gado (FBG), estruturação festiva realizada pela comunidade local e agregadora das forças públicas e privadas que aderem a esta construção comunitária, observa-se o que, quotidianamente, nos concita ao trabalho desenvolvido no Museu Agrícola de Riachos (MAR). Neste museu de comunidade, onde as envolventes humana, territorial e organizacional se manifestam decisivamente, geram-se relações que extravasam o espaço edificado (Figueira & Ramos, 2019). É decisiva esta atmosfera porque sem esse envolvimento das instituições administrativas públicas, civis, religiosas, militares e empresariais, a FBG far-se-ia, mas, em verdade, numa dimensão muito mais contida e com uma abrangência geográfica mais modesta.

Face ao contexto de competitividade territorial sabe-se, desde há muito, que os atrativos turístico-culturais baseados nas tradições ou quando criados, objetivamente, com esse fim competitivo, integram o conjunto dos recursos endógenos disponíveis para a economia local e sua concertação regional e nacional. A FBG tem essa característica. Não desenvolvo aqui o quadro teórico mais complexo da competitividade, dada a escassez de espaço. Saliento que a observação histórica de natureza geológica, geográfica e antropológica, dá conta que as zonas rurais, periurbanas e urbanas apresentam uma característica comum: os seus recursos naturais e culturais são, simultaneamente, património material e imaterial (Correia et al., 2019).

Como argumenta um investigador deste domínio, atrair talentos requer o uso atualizado de tecnologia e a tolerância por parte da comunidade territorial, último vértice desta triangulação virtuosa (Florida, 2019). Neste contexto, a decorrente tríade “pessoas–territórios–organizações” estabelece, a meu ver, uma dinâmica que, por sua vez, ajustada a cada comunidade social, se desenvolve e consolida no tempo e no espaço. A criação cultural, material e imaterial, em constância sistémica e quotidiana, integra as vivências rurais, antigas e contemporâneas: a crença na terra e no que ela significa para quem a trabalha é parte dessa constância (Santana, 2003).

A propósito do lançamento de uma obra literária deste autor (Santana, 2003), escrevi em 2003 e aproveitei para repetir nesta circunstância o mesmo pensamento que me animou aquando da escrita do “Prefácio” (Figueira, 2003), desta obra singular da ruralidade local:

no domínio vasto das ciências do património cultural, dar testemunho passa pela responsabilidade de não esquecer as lições do passado e utilizá-las, diríamos transmiti-las, como elementos para a nossa vida de hoje, com fermentos de futuro. Foi isso o que fez Joaquim Santana. (p. 6)

Assim, e colocado por escrito, este “modo de ver” partiu desta lógica de utilização e transmissão do que nos é legado e, portanto, numa perspetiva concreta, as dinâmicas sociais e produtivas, espirituais e artísticas, económicas e culturais, ligam-se entre si e extravasam para a sociedade envolvente.

O que se passa na tradição riachense, aldeia localizada num território em que se realiza a transição do latifúndio, materializado em algumas quintas, para terras de rendeiros e pequenos agricultores, nomeadamente cingeleiros, constitui a energia que alimenta a espessura histórica da comunidade, nunca apagada porque necessária numa zona rica de recursos, mas cuja população era maioritariamente pobre (Lopes, 1998). Nesta dimensão antropológica, a cultura tácita e sua associação à visão científica da cultura explícita, académica, somam motivos para que a patrimonialização das festas locais tenha decorrido desde 1953, num caminho de maior formalização. Entre a década de 50 e o atual momento, fluem memórias e mostram-se artefactos e fotografias, textos e cartazes numa profusão que implica a contínua atmosfera que atrás referi (Nuno, 2008).

Todavia, há que considerar a questão que é subjacente ao domínio e ao uso da terra como bem e sua propriedade. A valorização social do trabalho explica muito o desenvolvimento deste tipo de festividades. A construção da comunidade assenta nessa valorização e, por isso, a festa integra os sistemas simbólicos que são “estruturas estruturadas” (Bourdieu, 1977/2021, p. 5). No atual quadro mundial, a sustentabilidade é desafio através da Agenda 2030 das Nações Unidas e seus 17 objetivos de desenvolvimento sustentável (Centro Regional de Informação das Nações Unidas para a Europa Ocidental, 2015) e, numa interdependência ainda mais evidenciada pelo uso das tecnologias digitais, manter as tradições e utilizá-las em prol do desenvolvimento social e conseqüente crescimento económico constitui o desafio da atualização permanente.

De outro modo, caminhamos, intergeracionalmente, para uma nova mentalidade. A academia, em todos os seus níveis, formata-nos na perspetiva das abordagens compreensivas sobre este tipo de fenómenos. Implicam-se, nesta mesma formatação, a administração pública, as organizações privadas, os tecidos empresariais e as instituições associativas. De um modo consistente, as realidades contemporâneas sustentam o “tempo sagrado e os mitos”. Eliade (1957/1992), quando referenciando o tempo profano e o tempo sagrado, argumenta que: “entre estas duas espécies de tempo, existe, bem entendido, solução de continuidade, mas por meio dos ritos o homem religioso pode ‘passar’, sem perigo, da duração temporal ordinária para o tempo sagrado” (p. 81). Assim, o tempo sagrado é reversível porque é um tempo mítico tornado presente, como também nos é explicado naquele texto.

Neste sentido e numa dimensão social relevante, os laços familiares e a solidariedade intergeracional são fundamentais para a qualidade de vida e para o combate à exclusão social (Rodrigues, 2012) e, nesta lógica, a convivialidade mantida durante o período entre realizações da FBG é fundamental para que não se diluam no tempo as motivações, cujo clímax acontece de 4 em 4 anos, entre maio e julho, meses que estremam a escolha do melhor calendário festivo.

A Festa Como Elemento Agregador dos Desafios ao Presente e Futuro

Como muitas festividades similares, a FBG é realizada em honra de São Silvestre, patrono dos lavradores, dos campos e protetor dos animais. Tradicionalmente, e desde 1905, realizava-se quase todos os anos por iniciativa da Sociedade dos Cingeleiros que, representando o cingeleiro riachense e o seu sentido mutualista, promovia as festividades, integrando-as na cultura local. Hoje significam a ancestral expressão e comemoração da cultura rural local, ligando tradição e contemporaneidade, pela participação dos membros da comunidade e sentido de inclusão social. O incentivo é uma condição que se expressa amiúde entre os membros da comunidade e, em certos casos, com uma proposta de ação bem visível (Figueira, 2020; Simões, 1998).

Nuno (2008), entre as questões que coloca sobre se fotografar a ruralidade riachense seria um “exercício de patrimonialização”, de “exaltação de um traço identitário” ou uma “opção estética” (p. 11), argumenta com a seguinte afirmação:

a actividade agrícola não esgota as dimensões da ruralidade, embora seja a raiz de gestos, a produção de iconografias, a modelação das paisagens que a permitem identificar; aqui se registam coreografias, testemunhos materiais, atitudes, lugares e ocasiões. Mas tudo se foi completando e alargando, mostrando resquícios de outros tempos mas também antevendo o que virá, fixando quotidianos ou apresentando momentos de excepção, ilustrando as fainas agrícolas mas também dando conta de outras ocupações e saberes. (p. 11)

Neste domínio restrito, o turismo criativo (Carvalho et al., 2016) tem espaço de progressão e a roteirização do turismo cultural pode representar um alavancar sustentável da FBG enquanto atrativo da ruralidade revisitada (Figueira, 2013).

Na FBG, o distanciamento social minimiza-se pelo clima de convivialidade aberta e orientada à vida sacra e profana da vila do concelho de Torres Novas. Até cerca de 1935, a Sociedade dos Cingeleiros manteve estas festividades de modo mais ou menos regular (1905, 1908, 1909, 1923, 1927, 1928, 1929, 1930, 1935), conforme a documentação reunida até agora no processo de candidatura da FBG ao Inventário Nacional de Património Cultural Imaterial. Como se constata facilmente, a interação entre gerações é um dado que não carece de demonstração ontem tal como hoje. Na década de 30 alterou-se o modo de “fazer festa” a partir de uma realidade nova: a inauguração da rede pública de eletricidade e, a par dessa inovação, a criação da Casa do Povo de Riachos, seguindo-se a doutrina social que o Estado Novo impunha.

Neste processo, a comunidade riachense aproveitou essa corrente de modernização para, nesse ano de 1937, levar a cabo “a que foi considerada a primeira grande Festa da Bênção do Gado”. Em 1953, a continuidade foi assegurada, mas só em 1966 se deu o início de uma devoção associada ao culto tradicional de São Silvestre. Atualmente, a criação de um calendário de realização quadrienal pela Bênção Cultural Associação Cultural (BGAC; como se poderá ler em <https://www.bencaodogado.pt/>) assegura esta ligação permanente entre a realidade presente e a sua componente memorial.

Por isso,

um dos momentos mais importantes da Festa, desde a edição de 1966, é a procissão do Senhor Jesus dos Lavradores. Foi desde esse ano que a Festa da Bênção do Gado passou a integrar a Imagem do Senhor Jesus, que segundo a Lenda, terá sido encontrada na Idade Média por um grupo de lavradores riachenses que com a sua junta de bois lavrava a terra nos campos do Espargal, junto dos Casais de Riachos. (Bênção do Gado Associação Cultural, 2022, para. 4)

A escultura do Senhor Jesus dos Lavradores, na Cruz, encontra-se na Igreja de Santiago, em Torres Novas, sob tutela da Misericórdia de Torres Novas. A FBG é uma manifestação em “espaço franco”, recinto aberto que consta da urbanística do centro histórico da vila mas, igualmente dos casais e quintas, das ruas e das adegas e tertúlias que os residentes abrem aos visitantes, tendo enorme relevância para o acolhimento e hospitalidade oferecidos aos riachenses da diáspora que aproveitam a época festiva para revisitarem a sua terra natural ou adotiva.

O cortejo da Bênção do Gado, incluindo casas agrícolas, empresas, comércios, associações de diversa natureza, tem um momento alto: a bênção que o pároco da igreja paroquial de Riachos ministra ao ar livre e num púlpito construído para o efeito. Como em muitas mais comemorações idênticas sobre a vivência da ruralidade, o cortejo etnográfico da FBG é o centro das maiores atenções e devoção religiosa, e é partilhado com as atividades de entretenimento. Bailes improvisados nas ruas decoradas a preceito, quadros rurais representando a tradição e a modernidade da agricultura, música, exposições de arte e de artesanato e o que mais acontece numa atividade comunitária, com regras apenas ditadas pela segurança e pelo comportamento respeitoso, se interliga na relação comemoração–prospetiva. Acima de tudo, vive-se o património (Choay, 1982/2000; Fortuna, 2020).

Desde sempre que a criação de cenários de futuro esteve presente na teia visionária baseada no mote local que se poderá generalizar na forma de “se Deus quiser... tudo será melhor”. Em anos de seca e de pobreza nos campos, este era o mote mobilizador das procissões necessárias para os cingeleiros tentarem debelar essas dificuldades. A crença de então significa a certeza dessa necessidade de proteção divina que ainda hoje está presente numa faixa considerável de habitantes. Por isso, em Riachos e muitos outros lugares de ruralidade, a economia cultural e criativa tem, nestas ligações umbilicais das sociedades atuais às suas raízes, uma profunda influência na componente espiritual e religiosa das festividades tradicionais. Neste tempo de globalização e digitalização, a defesa dos valores festivos significa turistificação responsável (Turismo de Portugal, 2016).

A congregação da comunidade de um lugar, agregando residentes e seus naturais espalhados na diáspora sob uma festa referencial, é identidade cimentada e com futuro. Os lugares que mantêm essa ligação comum entre espaço misterioso sacro e profano, revelado, mobiliza as pessoas. O uso do espaço e do tempo define as pessoas, comunidades, comportamentos (sacros e profanos), visões sobre natureza das coisas. Por isso, as continuidades e (des)continuidades mostram na sua interpretação

possível afetividades, partes de relações intergeracionais, de trabalho e de lazer, de identidade partilhada, entre outras. Servem o desiderato principal: coesão em prol de uma visão comunitária, onde as práticas culturais são livres e apenas dependentes das pessoas que as praticam nesse “seu” espaço (Dias, 2001; Eliade, 1957/1992).

Cumprindo-se o Decreto-Lei n.º 139/2009 (2009) de 15 de junho, estabelecendo o regime jurídico de salvaguarda do património cultural imaterial, conforme a Lei n.º 107/2001 (2001), de 8 de setembro, sobre as políticas públicas, determinando o regime de proteção e de valorização do património cultural, integrado no direito internacional, nomeadamente com a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (2003), adotada na 32.ª Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Paris, em 17 de outubro de 2003), aprovada pela Resolução da Assembleia da República n.º 12/2008 (2008), de 24 de janeiro, e ratificada pelo Decreto do Presidente da República n.º 28/2008 (2008), de 26 de março, estamos cientes de que haverá esteio de apoio a práticas relacionadas com o que o mesmo decreto-lei estipula, nomeadamente, de turismo cultural (Correia et al., 2019).

Deste modo, integram-se as evidências materiais (com suportes definidos) e as evidências imateriais (necessitadas de fixação das oralidades), ou seja: (a) tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do património cultural imaterial; (b) expressões artísticas e manifestações de carácter performativo; (c) práticas sociais, rituais e eventos festivos; (d) conhecimentos e práticas relacionados com a natureza e o universo; e (e) competências no âmbito de processos e técnicas tradicionais. Nesta disposição se movem o MAR e a BGAC e respetivas parcerias comuns e específicas, porque as questões da sociomuseologia e da produtividade agrícola, por exemplo, são matérias de atenção da comunidade.

A utilização dos espaços e dos equipamentos culturais para reuniões de trabalho em prol da agricultura e pecuárias locais tem por base um “habitus” (Bourdieu, 1977/2021) porque sendo alguns destes espaços resultados de refuncionalizações de instalações agrícolas, tornadas obsoletas pela modernidade, geram uma espécie de espírito de lugar específico. O espaço das coleções permanentes do MAR ainda apresenta cheiros familiares, como o azeite que ali era produzido no lagar de azeite, que funcionou até aos anos 70 do século passado. Esta é uma questão de tal modo natural que só o visitante externo destaca na sua visita, já que a familiaridade das pessoas da localidade, entre os mais novos e os mais velhos, com este tipo de sensação é parte intrínseca do seu quotidiano.

A Festa Como Património Veiculador de Sentidos de Pertença

Se os sentidos de pertença requerem experiências a isso condizentes, também é verdade que a inclusão daquelas experimentações deixa marcas indeléveis na memória e nas estruturas que as sustentaram. O carro de bois do cingeleiro é, na comunidade, essa marca memorial de construção de carpintaria e serralharia rurais, onde serras e garlopas, bem como forja e bigornas, martelos e limas, desenham ainda hoje uma

museografia da ruralidade que importa preservar, mas, acima de tudo, estudar, interpretar e integrar na vida dos que delas necessitam em educação e integração social.

Nesta lógica, as identidades são construções permanentes que ultrapassam a vida biológica que as sustenta. Os territórios expressam as atividades humanas do trabalho, os tempos de ócio, os tempos de religiosidade. As pessoas ocupam o território segundo os seus interesses e, igualmente, segundo as suas dependências das organizações que lhes dão sentido, gerado e desenvolvido a partir da família e da comunidade de que se sentem parte. As “dinastias” de boieiros, cingeleiros e demais trabalhadores rurais, bem como as suas equivalentes em mondadeiras, lavadeiras e restantes mulheres camponesas e serviçais, marca o espaço da agricultura, da pecuária e do quotidiano das famílias. As restantes atividades ligadas ao ensino, saúde, religião e atividades comerciais e industriais e outras, todas se ligam na grande FBG.

Para a comunidade e desde o século XIX, esta é, sem se necessitar de inquérito para lograr compreender-se melhor este tipo de identidade rural assim orientada, a principal manifestação social que se mantém. Numa dimensão comunitária, e embora o jogo de interesses esteja sempre presente nas atividades produtivas, bem como nos eventos culturais e de entretenimento e lazer, de devoção religiosa e de foro jurídico e institucional, educativo e social, a energia festiva é contagiante. Este sentido de pertença é o motor.

Numa abordagem sequente ao exposto, está em curso a candidatura da FBG através de protocolo estabelecido em março de 2022, entre a BGAC e a Associação para a Defesa do Património Histórico e Natural da Região de Riachos e seu MAR, através da equipa do Núcleo de Estudos do Museu Agrícola. Nela se expõe o que consideramos serem as “dinâmicas comunitárias” designadamente no Caderno 1 – “Bênção dos Animais” – Bênção do Gado e sua contextualização segundo a Celebração das Bênções (Conferência Episcopal Portuguesa, s.d.), realizado no âmbito da salvaguarda do património cultural imaterial, visando ser inscrita no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial – registo de “inventariação” – processo de candidatura da FBG, da vila de Riachos, concelho de Torres Novas, região centro ao Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. Domínio Património Cultural Imaterial – n.º 2 do art.º 1.º do Decreto-Lei nº 139/2009 (2009) – práticas sociais, rituais e eventos festivos – festividades cíclicas, ritos de passagem do indivíduo (nascimento, passagem à vida adulta, casamento, morte), práticas mágico-rituais, práticas religiosas, entre outras.

O editor será o Núcleo de Estudos do Museu Agrícola de Riachos e os autores, Carlos Simões Nuno e Luís Mota Figueira, ao iniciarem o trabalho em março de 2020, perceberam, nas abordagens então realizadas em trabalho de campo, uma abertura que demonstra a necessidade de reconhecimento da FBG pela envolvente exterior alargado à cultura, mas com muito interesse no mercado do turismo, em geral, e ao turismo em espaço rural, em particular. A unanimidade dos residentes e dos riachenses ligados pelo jornal *O Riachense* e pelas redes sociais em reclamarem essa visibilidade como “necessária” foi eloquente.

A inclusão social pelo território e seu património tem, nesta matéria, uma variedade de situações passíveis de a sustentarem e porque origina dinâmicas, também cristaliza visões perenes e positivas (Courson, 1999). Por isso Fortuna (2020) refere o seguinte: “a reabilitação e refuncionalização dos patrimónios, até de alguns patrimónios inesperados, é algo mais que a simples conservação da materialidade das coisas apenas. É também a conservação de uma certa espiritualidade” (p. 128).

O facto é que, por exemplo, o edifício onde funcionou uma parte relevante da vida comunitária como património inesperado é, tal como o edificado do atual MAR, centro dessa particular espiritualidade. Ressignificar as coisas e dar-lhes futuro é parte do pressuposto que afirmei anteriormente como base de trabalho museológico. Assim, as relações intergeracionais são de grande importância e o modo como se processam os afetos entre os membros de uma comunidade permite desenvolver sentimentos como a solidariedade e a amizade.

Por isso, “numa família, ou mesmo numa comunidade, a relação entre idosos, crianças ou mesmo entre adultos facilita a promoção das relações, na troca de saberes, experiências e da entreaajuda” (Rodrigues, 2012, p. 10); constituem-se “dinâmicas sociais” efetivas, vinculativas. Como se argumenta a propósito das dinâmicas geradas na FBG (Nuno, 2008): “e tudo povoado de gente, novos e velhos, em grupo, nas ruas, em celebração colectiva e ritual, ocupando os espaços e dando-lhe vida, emergindo em retratos individuais, cada cara uma história em contagem crescente” (p. 11). Neste cenário, o ritual humano integra a energia festiva que referimos.

Neste tempo de globalização e digitalização, a defesa dos valores festivos significa turistificação responsável. A congregação da comunidade de um lugar, agregando residentes e seus naturais espalhados na diáspora sob uma festa referencial é identidade cimentada e com futuro mantendo fortes as “dinâmicas culturais”, nomeadamente em função dos efeitos da diáspora. Entre sair e ficar ou retornar, as pessoas são alvos de transformação e são transformadoras porque os lugares que mantêm essa ligação comum entre espaço misterioso sacro e profano, mobilizam as diversas faixas etárias mesmo que de modos muito diferentes e, por vezes, contraditórios.

Conclusão

A FBG gerada e continuada na vila da Borda D'Água ribatejana (concelho de Torres Novas) significa duplamente a ligação da cultura tácita com a cultura explícita. O par “possibilidades/limites” em desenvolvimento consumará também os modos como se interpela este ritual agrário no contexto da complexa mercantilização da cultura a que as “dinâmicas intergeracionais”, acredita-se, tentarão dar resposta. O facto de as crianças e jovens de muitas famílias serem alvo de atenção do MAR, da BGAC e da administração pública e, naturalmente, pelas direções dos equipamentos escolares de todos os níveis de ensino que trabalham com os serviços educativos disponíveis sustenta a intergeracionalidade visível e implantada desde há décadas.

A sustentabilidade social (primado da pessoa e sua geração), ambiental (celebração da natureza) e económica (agricultura “tradicional” e agricultura de “precisão”) completa-se com a componente cultural (agregação de valor identitário e partilha dos sentidos de pertença e de responsabilidade na comunidade no livre exercício de direitos e de deveres de cada um dos seus membros) porque a adaptação é uma constante das lógicas de apropriação sobre os modelos teóricos. A cultura tácita praticada no microcosmo social de cerca de 6.000 residentes que, aquando da FBG se amplia em oito vezes, porque acolhe riachenses da diáspora e forasteiros, impõe essa adaptação, sem quaisquer dúvidas. A espontaneidade e o otimismo são cativos da ideia de festa.

Referências

- Bênção do Gado Associação Cultural. (2022). *A história - A Festa da Bênção do Gado*. Bênção do Gado Riachos. <https://bencaodogado.pt/a-historia.php>
- Bourdieu, P. (2021). *O poder simbólico* (F. Tomaz, Trad.). Edições 70. (Trabalho original publicado em 1977)
- Carvalho, R., Ferreira, A. M., & Figueira, L. M. (2016). Cultural and creative tourism in Portugal. *Pasos - Revista de Turismo y Patrimonio*, 14(5), 1075–1082. <http://hdl.handle.net/10400.26/29013>
- Centro Regional de Informação das Nações Unidas para a Europa Ocidental. (2015). *A Agenda 2030 - 17 objetivos de desenvolvimento sustentável*. <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>
- Choay, F. (2000). *Alegoria do património* (T. Castro, Trad.). Edições 70. (Trabalho original publicado em 1982)
- Conferência Episcopal Portuguesa. (s.d.). *Celebração das Bênçãos*. G. C. - Gráfica de Coimbra. <https://www.liturgia.pt/rituais/Bencaos.pdf>
- Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, 17 de outubro de 2003, <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>
- Correia, A., Costa, C., Silva, J. A., Lopes, J. D., & Simões, J. M. (2019). *Agenda temática de investigação e inovação - Turismo, lazer e hospitalidade*. Fundação para a Ciência e Tecnologia. https://www.fct.pt/agendastematicas/docs/Agenda_Turismo_Final.pdf
- Courson, J. (1999). *Le prospective des territoires - Concepts, méthodes, résultats*. Ministère de L'Équipement des Transports et du Longement.
- Decreto nº 28/2008, de 26 de agosto. Diário da República nº 164/2008, Série I (2008). <https://data.dre.pt/eli/dec/28/2008/08/26/p/dre/pt/html>
- Decreto-Lei nº 139/2009, de 15 de junho. Diário da República nº 113/2009, Série I (2009). <https://data.dre.pt/eli/dec-lei/139/2009/06/15/p/dre/pt/html>
- Dias, F. N. (2001). *Sistemas de comunicação, de cultura e de conhecimento - Um olhar sociológico*. Instituto Piaget.
- Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano - A essência das religiões* (R. Fernandes, Trad.). Livros do Brasil. (Trabalho original publicado em 1957)
- Figueira, L. M. (2003). Prefácio. In J. Santana (Ed.), *Cingeleiros, boieiros e camponeses de Riachos* (pp. 5–8). Câmara Municipal de Torres Novas.
- Figueira, L. M. (2013). *Manual para elaboração de roteiros de turismo cultural*. Instituto Politécnico de Tomar. http://pasosonline.org/Publicados/pasos_difunde/PS_DIF_2019_3.pdf
- Figueira, L. M. (2020). *Turismo, municípios, cultura e sociedade - Breve reflexão*. Instituto Politécnico de Tomar. <http://www.cda.ipt.pt/download/ebooks/turismo-municipios-ebook%20%281%29-min.pdf>

Figueira, L. M., & Ramos, D. (2019). *Museus de comunidade: Manual de apoio à gestão*. Universidade de Aveiro. http://www.cda.ipt.pt/download/ebooks/Livro_Museus_de_ComunidadeMarco2019.pdf

Florida, R. (2019, 15 de agosto). *The innovations of the creative class affect a rural area's fortunes*. Bloomberg. <https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-08-15/rural-innovation-links-to-creative-class-presence>

Fortuna, C. (2020). *Cidades e urbanidades*. ICS.

Lei nº 107/2001, de 8 de setembro. Diário da República nº 209/2001, Série I-A (2001). <https://data.dre.pt/eli/lei/107/2001/09/08/p/dre/pt/html>

Lopes, J. C. (1998). *Torres Novas e seu termo no meio do séc. XVIII – As memórias paroquiais*. Digital Texto.

Nuno, C. S. (2008). *Riachos, terra rural – Olhares: Fotografias de Carlos Lima, João Reis, João Santos e Joaquim Madeira*. Edição do Município de Torres Novas.

Resolução da Assembleia da República nº 12/2008, de 26 de março. Publicação: Diário da República nº 60/2008, Série I (2008). <https://data.dre.pt/eli/resolassrep/12/2008/03/26/p/dre/pt/html>

Rodrigues, M. I. S. (2012). *Atividades intergeracionais – O impacto das atividades intergeracionais no desempenho cognitivo dos idosos* [Dissertação de mestrado, Universidade Católica Portuguesa]. Veritati - Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/13657>

Santana, J. (2003). *Cingeiros, boieiros e camponeses de Riachos*. Câmara Municipal de Torres Novas.

Simões, M. C. (1998). *Histórias da nossa gente*. Câmara Municipal de Torres Novas.

Turismo de Portugal. (2016). *Estratégia turismo 2027 (ET2027)*. http://www.turismodeportugal.pt/pt/Turismo_Portugal/Estrategia/Estrategia_2027/Paginas/default.aspx